

# INFORMATIVO À IMPRENSA

## RESTRIÇÃO

O conteúdo deste Relatório não pode, nem mesmo resumidamente, ser divulgado na imprensa, no rádio ou na televisão antes das **22:00 hs (GMT) de 19 de setembro de 2000.**

TAD/INF/2853  
19 de setembro de 2000

## AS DUAS CARAS DA ECONOMIA MUNDIAL PREOCUPAM ECONOMISTAS DA UNCTAD

### O crescimento pode passar de 3% este ano; mas, vai durar?

Duas forças econômicas de peso competem hoje pela atenção mundial: a promessa de uma “nova economia” alicerçada em tecnologias novas, e a instabilidade crescente de uma globalização atrelada às forças do mercado. A economia este ano está dando sinais de saúde, mas permanecem os grandes desequilíbrios nos índices de crescimento, pagamentos externos e fluxos de capitais. Enquanto o ajuste desses desequilíbrios for confiado exclusivamente à política monetária, não há garantias de tranquilidade na correção do rumo. Estas preocupações são o pano de fundo do relatório anual (ano 2000) da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD), divulgado hoje<sup>1</sup>.

./..

<sup>1</sup> O Relatório de Comércio e Desenvolvimento para o ano 2000 (Código de Venda E.00.II.D.19; ISBN 92-1-112489-1) pode ser adquirido por US\$ 45 ou pelo preço especial de US\$ 19 para os países em desenvolvimento ou em transição. Encaminhar pedidos ao setor de vendas das publicações das Nações Unidas em Genebra [endereço postal United Nations Publications, Sales Section, Palais des Nations, CH-1211 Geneva 10, Switzerland; telefax (41) (22) 917.0027; endereço eletrônico [unpubli@unog.ch](mailto:unpubli@unog.ch); Internet <http://www.un.org/publications>] ou Nova York [endereço postal United Nations Publications, Two UN Plaza, Room DC2-853, Dept. PRES, New York, NY 10017, USA; telefones (1) (212) 963.8302 ou (1) (800) 253.9646; telefax (1) (212) 963. 3489; endereço eletrônico [publications@un.org](mailto:publications@un.org)].

## **As grandes economias ainda não acertaram o passo**

A economia mundial no ano passado escapou do abismo graças, em grande parte, a eventos inesperados, um deles, a pujança continuada da economia dos Estados Unidos. Melhoraram as perspectivas imediatas para este ano, com uma expectativa de crescimento superior a 3%. Porém, segundo o Relatório, isso dependerá em larga escala da capacidade dos Estados Unidos fazerem a sua economia pousar em segurança, e da Europa e Japão transformarem os seus desempenhos espasmódicos em algo mais consistente.

Os Estados Unidos — descritos no Relatório como “comprador de último recurso” e “salvador da pátria” da economia globalizada — prosseguiram no seu mais longo período de expansão na história moderna, alimentado tanto pelos influxos massivos de capitais, de curto e longo prazo, quanto pelas novas tecnologias. O desemprego caiu a menos de 4% no início de 2000. A inflação mantém-se sob controle. Porém, crescimento econômico acima de 4% e aumento de 12% nas importações são agora insustentáveis. Segundo o Relatório, a conjugação de poupança privada em retração, dívida privada em expansão, escalada nos déficits em conta corrente, e bolha no mercado de ações de tecnologia, embora tenha dado uma espécie de teco keynesiano na economia dos Estados Unidos, pode acabar em “mudanças muito mais abruptas do que o necessário ou o desejável”. Fatos que ocorreram nas décadas de 1970 e 1980 mostraram como é volátil a disposição dos investidores estrangeiros de manterem papéis ancorados no dólar.

Segundo o Relatório, a Europa cambaleou no ano passado quando variações nos desempenhos de crescimento dentro da Eurolândia dificultaram a busca de uma política monetária comum e o Banco Central Europeu pelejou para achar uma diretriz independente diante de um bloco fortemente integrado de mercados financeiros globalizados. O Japão recuperou-se em 1999, auxiliado pela recuperação do Leste Asiático. As perspectivas para este ano parecem mais animadoras ainda, mesmo os gastos privados permanecendo frágeis, o que joga muita coisa na dependência das exportações e dos gastos públicos. O crescimento tanto da Europa quanto do Japão é vulnerável a qualquer eventualidade no sentido de elevação das taxas de juros dos Estados Unidos ou desaceleração brusca dessa economia. A experiência recente dos Estados Unidos, sugere ainda o Relatório, contém lições importantes para as políticas de redução de desemprego na Europa e de controle do déficit orçamentário no Japão.

## **Petróleo, inflação e crescimento**

O Relatório acha encorajador o modo como a economia mundial driblou a forte escalada dos preços do petróleo em meados de 1999, bem

./..

como o retorno dos mercados financeiros a uma certa normalidade. As simulações sugerem que o impacto dos preços do petróleo no crescimento global será limitado e basicamente restrito aos países em desenvolvimento importadores de petróleo.

A alta do petróleo contribuiu para recuperar os preços do comércio internacional em 1999, salvo apenas as economias em transição. O forte crescimento das importações na China, Japão e Estados Unidos manteve o mercado em ebulição, com os países em desenvolvimento exibindo uma boa virada nas suas exportações, que cresceram mais de 8% contra com uma retração de 7% em 1998. Em compensação, uma maré vazante derrubou os preços das commodities agrícolas, especialmente algodão, açúcar, cacau e café, com conseqüências adversas para muitos países em desenvolvimento.

A estabilidade voltou aos mercados financeiros. Cresceram os ingressos líquidos de capitais privados nos países em desenvolvimento e em transição — um crescimento porém que ficou pouco acima do índice de 1998. As participações e investimentos diretos, puxados pelas privatizações e pelas aquisições e fusões, proporcionaram os principais lucros. Em compensação, caíram acentuadamente em 1999 os ingressos líquidos de capitais privados sob a forma de empréstimos aos países em desenvolvimento. Houve considerável variação regional, com o Leste Asiático concentrando a maior parte dos lucros. As perspectivas para 2000 ainda são incertas, especialmente nos investimentos participativos em mercados emergentes, que mais uma vez dão sinais de alta volatilidade.

### **Perspectivas para os países em desenvolvimento**

A situação na América Latina deteriorou-se em 1999, com a renda per capita sofrendo a sua primeira retração desde 1990. O México, porém, pelos vínculos estreitos com a economia dos Estados Unidos, fugiu dessa tendência e algumas pequenas economias do Caribe também exibiram um crescimento saudável. Nos demais países, os baixos preços das commodities, o arrocho das políticas macroeconômicas e o colapso do comércio regional levaram alguns países à recessão. O resultado para a região poderia ter sido ainda pior caso o Brasil não houvesse resistido à sua tempestade financeira bem melhor do que se esperava, crescendo quase 1% após o colapso da sua moeda. Por outro lado, a Argentina mergulhou numa recessão profunda depois de ter defendido com sucesso o seu plano de conversibilidade ao dólar.

A África também viu o seu crescimento estagnar-se em 1999. Os baixos preços de algumas commodities, conflitos políticos e as condições climáticas prejudicaram boa parte do continente. Entretanto, o Relatório levanta alguns sinais positivos no Norte e no Leste da África, que apresentaram crescimento superior à tendência regional. Na Nigéria e na

./..

África do Sul, o pior parece estar superado. A África Subsaariana contudo ainda tem pela frente o desafio básico de estabelecer uma política de captação de investimentos que apesar das coerções da poupança e do câmbio permita-lhe um crescimento de 6% (*ver também o TAD/INF/2850 de 14 de julho*).

As economias em transição exibiram o seu maior crescimento em dez anos, cerca de 2,4%. Há porém considerável variação em torno da média. A Europa Central conseguiu livrar-se do contágio da segunda metade da crise da Rússia. Mais surpreendente foi a guinada da própria Rússia, cujo crescimento em 1999 superou a marca dos 3%, graças à forte elevação dos preços do petróleo. Em compensação, os Estados Bálticos foram colhidos em cheio pela crise russa. No Sudeste Europeu, apesar de encerrado o conflito aberto, a situação macroeconômica continua frágil e as perspectivas econômicas desanimadoras. Segundo o Relatório, “os desafios não são diferentes nesses países e em boa parte dos países em desenvolvimento — mais uma vez, a resposta do mundo desenvolvido revelou-se até agora insuficiente”.

A Ásia foi o grande sucesso em 1999. O crescimento entrou em acentuada curva ascendente, superando os 5%. As grandes economias da Índia e da China cresceram cerca de 7%, num desempenho acima da média. Mas a grande surpresa foi a brusca recuperação do Leste Asiático. A guinada da República da Coreia (Coreia do Sul) foi excepcional. O crescimento da Malásia atingiu os dois dígitos nos primeiros meses de 2000, sem maior assistência das instituições financeiras multilaterais. A Indonésia enfrenta um futuro mais incerto, com riscos ainda consideráveis de retração. Espera-se porém que este ano o Leste Asiático apresente um crescimento global mais homogêneo. Em toda a região, governantes seguem atentamente as negociações de acesso da China com a OMC.

### **Pelo espelho nas sombras**

Segundo o Relatório, os motivos que levaram ao temor da recessão em 1998-1999 não só se mantêm como “novas fissuras surgiram”. As perspectivas para os países em desenvolvimento podem deteriorar-se rapidamente se as grandes potências industrializadas insistirem em estabelecer políticas sem qualquer preocupação com as suas repercussões globais.

Os fatores que levaram a economia dos Estados Unidos a disparar na liderança agravaram a fragilidade financeira e os desequilíbrios globais. O fato de que esses desequilíbrios ora estão associados a déficits não no setor público mas no setor privado, o Relatório observa, ainda torna a situação mais delicada, não sendo as taxas de juros um instrumento suficientemente

./..

afiado para prover os ajustes necessários. Também vem agravando os desequilíbrios o ímpeto com que as transnacionais européias e japonesas atiram-se às novas tecnologias mediante fusões e aquisições além das suas fronteiras. Um cenário global otimista depende de os Estados Unidos realizarem um pouso tranqüilo, a Europa e Japão reforçarem o seu crescimento, os preços do petróleo e as taxas de juros se reequilibrarem e o dólar realinhar-se gradativamente. Mas, segundo o Relatório, não há como confiar que as forças do mercado e a política monetária irão, por si sós, resolver a situação. É premente uma cooperação internacional muito maior e muito mais intensa além de uma liderança internacional muito mais ousada, nos moldes daquela que, no passado, criou a última Era de Ouro.

**\*\* \*\*\* \*\***

<p><b>Este Informativo também se encontra disponível pela Internet <a href="http://www.unctad.org">http://www.unctad.org</a> (seção de imprensa e referência)</b></p>
---

**Para maiores informações, contatar em Genebra a Divisão de Estratégias de Desenvolvimento e Globalização da UNCTAD [responsável: Yilmaz Akyüz, Officer-in-Charge, Division on Globalization and Development Strategies, telefone (41) 22 907 5841, telefax (41) 22 907 0045, endereço eletrônico [yilmaz.akyuz@unctad.org](mailto:yilmaz.akyuz@unctad.org) ou a Assessoria de Imprensa da UNCTAD, telefone (41) 22 907 5828, telefax (41) 22 907 0043, endereço eletrônico [press@unctad.org](mailto:press@unctad.org).**